

## **16º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 21**

### **1ª leitura (Antigo Testamento) – Números 11.4-6, 10-16,24-29**

O texto deste domingo faz parte do conjunto de textos que Von Rad identificou como o bloco temático-traditivo do deserto (Êx 16-18 e Nm 10:10 até o fim do livro). Esse bloco descreve o que poderíamos chamar de "gênesis da organização sócio-religiosa de Israel". O deserto, lugar de difícil sobrevivência, é visto pela tradição bíblica como um lugar preferencial tanto para enfrentar a morte e a maldade quanto para se encontrar pessoalmente com Deus (cf. Gn 16:7-9; Êx16:10; Sl 29:8; Sl 78:17 e Mt 4:1s e paralelos). É onde não há nada a não ser Deus e seu Povo e onde emerge a nova sociedade da aliança (Os 13:5).

O texto começa com a queixa do povo que parece preferir ser escravo no Egito do que enfrentar o desafio de construir uma nova vida junto com Deus (11: 4-6). A queixa e a permanente tendência do povo de voltar para o Egito é quase um refrão no bloco no deserto aparecendo repetidas vezes (Êx 16:3; 17:3; Nm 14:2-4; 20:5; 21:5). A organização popular deste novo povo não nasce portanto da sua forte fé, mas das suas fraquezas. É na fraqueza e na dúvida que Deus os acolhe (Nm 11:10-16).

Então a resposta de Deus vem em forma de organização a partir dos setenta anciãos. A palavra ancião é usada de forma semelhante ao que hoje chamaríamos de "liderança". O texto define a liderança como "superintendentes do povo" (cf. Almeida; Nm 11:16). Através destas lideranças se dá a socialização do poder antes centralizado em Moisés. Esta socialização do poder longe de debilitar o "chefe", o fortalece porque agora não levará a carga sozinho(v. 17).

Junto com a descentralização se apresenta a perda do controle total do poder central sobre o exercício desse poder. Alguns "não autorizados" passam a profetizar (v.27). Seria isto uma ameaça para a organização popular recebida como dom de Deus? Para alguns era um grave problema (v. 28) mas para Moisés a descentralização do poder é a expressão plena de que este poder é mesmo dom de Deus e não propriedade de uma elite (v.29).

Então temos um Deus que encontra um povo fraco, sempre querendo recuar diante dos desafios e o fortalece dando-lhe dois dons através do seu Espírito: a organização através de lideranças reconhecidas e a socialização do poder (que hoje poderíamos chamar de cidadania). Jesus aplica o mesmo princípio da socialização e descentralização do poder quando reage de forma condescendente com aqueles que, mesmo não sendo seus discípulos, aliviavam as pessoas de suas aflições (isto é, expulsavam demônios; cf. Mc 9:38-40). É também verdade que nem sempre a igreja primitiva reagiu da mesma forma em relação a pessoas não autorizadas. No entanto, no caso de Simão o problema não estava no fato de desafiar a "hierarquia" mas em ter motivações contrárias ao sentido divino do dom do poder que é servir, libertar, aliviar, transformar e não lucrar (At 8:18s). Para Simão valem as advertências de Tiago (4:13s). (HMG)

## **2ª leitura (Epístola) – Tiago 4.7-12**

A piedade do pobre preservada nessa Epístola chama sempre a atenção para a justiça do reinado de Deus e para a ausência dessa mesma justiça no mundo, evidenciada pelas discriminações e dissimulação das mesmas.

Essa piedade ou espiritualidade consiste em ser submisso a Deus - "sujeitem a Deus", autor e doador da sabedoria descrita, por exemplo, em 3.17 - a sabedoria que vem do alto (o mesmo termo que Jesus diz ao Nicodemos - "se não nascer do alto", isto é, de Deus) é, antes de tudo, pura, pacífica, humilde, compreensiva e cheia de misericórdia, e bons frutos, sem discriminação e sem hipocrisia. Na verdade, um fruto da justiça semeada na paz para aqueles que trabalham para a paz. A humildade ou mansidão é uma qualificação de polidez e amizade de quem é forte e não se intimida, nem se torna servil, mas mostra a imensa capacidade de se acomodar à fraqueza alheia. Essa fortaleza se vê na crítica forte contra os ricos nesta carta. Porém fica claro aqui também que se trata de uma comunidade aberta, não segregada e que acolhe os visitantes ricos (2.2). E, ao mesmo tempo, reconhece a sedução da glória passageira da riqueza e a possibilidade de cair na guerra uns contra os outros, na rivalidade e na arrogância e ciúme amargo, cortante. Isso vem da sabedoria não do alto, do baixo, terreno, demoníaco,(3.14-15)

A vitória sobre a tentação está em estar debaixo do Autor e Doador da sabedoria. O vs. 3.17 espelha de alguma forma Jesus Cristo que faz críticas severas aos detentores do poder do Templo, da interpretação da Lei e, que, por isso, foi crucificado. Por outro lado, essa fortaleza se mostra na "fraqueza" da humilhação, para que a misericórdia e a paz de Deus se revelem como poder e recurso da construção de uma verdadeira comunidade. Então, vemos na Epístola de hoje as qualificações de liderança compartilhada e inclusiva, e aberta ao inusitado e ao inesperado de que fala o Evangelho e o que é sugerida pelo livro de Números. (ST)

## **Santo Evangelho - Mc 9. 38-43, 45, 47, 48**

Pouca gente se deu conta que dois dos principais aliados contra as forças do eixo na Europa eram inimigos ferozes: a URSS e os Estados Unidos. Desde o fim do século XIX que os debates envolvendo socialistas e liberais esquentavam as academias. Mas, com a revolução russa, os Estados Unidos passaram a assumir uma postura hostil diante da União Soviética e vice-versa. Contudo, diante de um inimigo comum, o nazismo de Hitler, estes inimigos se uniram para a mesma luta. Eles eram, agora, co-beligerantes. Essa experiência mostra que até aqueles que nós julgamos ser nossos inimigos, eventualmente, podem se revelar como aliados em certos momentos. Esta simples possibilidade deveria nos fazer mais humildes e mais compreensivos diante do outro.

No texto do Evangelho de hoje Jesus está respondendo às atitudes dos discípulos que haviam proibido um homem de expelir demônios porque não era um dos membros da comunidade dos discípulos. Aqui Jesus nos ensina

algumas lições importantes para nortear nosso relacionamento com possíveis co-beligerantes.

Em primeiro lugar, Jesus nos ensina que muitas vezes corremos o perigo de confundir a "nossa parte" com o "todo". Na cabeça dos discípulos as coisas eram muito claras: somente Jesus e os seus discípulos, devidamente autorizados tinham poder e direito de expelir demônios. Qualquer atividade que não esteja dentro das normas estabelecidas deve ser encarada como marginal e, portanto, proibida. O erro dos discípulos foi confundir a "nossa parte" com o "todo" do Reino de Deus. Erros semelhantes foram cometidos na história da Igreja quando se chegou a afirmar que "fora da Igreja não há salvação", ou que "ninguém pode ter Deus como Pai sem ter a Igreja como mãe". Essa postura exclusivista, mesmo sendo a posição de muita gente temente a Deus, é na verdade, uma declaração de que o Reino é do tamanho da Igreja. É uma identificação da Igreja com o Reino. Mas na verdade não é assim. A Igreja é "uma" agência do Reino e o seu "sacramento" ou "sinal visível". Mas ela não pode ser identificada com o Reino sob pena de afirmarmos que as pessoas, pelo simples fato de não serem batizadas, estariam fora do reino de Deus.

Em segundo lugar, Jesus nos ensina que muitas vezes corremos o perigo de identificar os "outros" com os "perdidos". Este perigo é o corolário lógico do primeiro. Se a Igreja é o Reino e entramos na Igreja pelo batismo, logo os não batizados estão fora do Reino. É interessante como a humanidade se mostra, em todos os tempos e lugares, incapaz de olhar para o "outro" como apenas o "diferente". É preciso "eliminar" o "outro", o "diferente". Sua existência nos agride, nos faz mal. E qual a forma mais eficaz de impingir sobre os "outros" um sinal de Caim que os identifique e os condene, senão invocando sobre eles a ira de Deus? É preciso destruí-los, eliminá-los; é preciso transformar o "outro" em um "não-ser", pois a simples existência do "outro" me agride. E para destruí-lo eu me utilizo ou me sirvo de Deus, ou do discurso religioso que condena e aplica uma sentença contra eles.

Finalmente, Jesus nos ensina que é possível ser "por nós" sem ser "dos nossos". A Igreja não é a única forma de Deus agir no mundo. No Antigo Testamento já vemos Ciro ser chamado de "meu servo" por Deus e no Novo Testamento aprendemos que as "pedras" podem clamar tanto quanto ou mais do que a Igreja quando esta se cala ou se corrompe com o poder temporal. Aquele indivíduo que estava expelindo demônios estava libertando pessoas do domínio da opressão, estava promovendo a libertação e, portanto, não era "contra nós", mas "por nós".

Uma música muito cantada há tempos atrás dizia: "eu vejo um novo começo de era, de gente fina, elegante, sincera, com habilidade de dizer mais sim do que não". Hoje estamos vendo a possibilidade de se criar uma nova humanidade para um novo mundo. Há um novo milênio diante de nós que pode significar o início de nossa destruição, enquanto planeta, ou o início de uma era de responsabilidade, de ética, de respeito à natureza e aos outros. Neste momento o diálogo entre as religiões e com a sociedade civil assume uma enorme importância para a criação de um mundo melhor para todos. Somos cobrados à co-beligerância. Será que teremos a humildade de reconhecer que Deus pode se utilizar de quem Ele soberanamente quiser para cumprir sua vontade na terra? Será que teremos a humildade para dar as

mãos aos "outros" e, ao invés de tratá-los como "não-ser", tratá-los simplesmente como "diferentes"? (JLFA)